

PERCURSOS DE MIGRANTES SÍRIOS EM BRASÍLIA: OS SENTIDOS PRODUZIDOS SOBRE O CONCEITO DE CIDADE

Emmanuel Brasil¹
Delia Dutra²

Resumo: O presente artigo propõe compreender como imigrantes sírios, vivendo na cidade de Brasília, traduzem o conceito de cidade com base em suas próprias experiências e vivências urbanas. A cidade, ou melhor, *as cidades* (no plural, tal como se argumenta neste texto) apresentam múltiplas interpretações e significados. Essa dinâmica das significações tem sido fator fundamental para a produção de conhecimento no campo dos estudos urbanos nas ciências sociais e nas ciências humanas. Diversas teorias têm buscado dar respostas aos desafios que o objeto *cidade* apresenta. Nessa linha, se propõe uma análise fundamentada em debates teóricos caros à Sociologia Urbana, incorporando conceitos como cidades invisíveis e cidades imaginadas, assim como a ideia de itinerários imaginários recriados a partir das vivências urbanas.

Palavras-chaves: Cidade. Migração síria. Produção de Sentido. Cidades invisíveis.

Abstract: This paper proposes to understand how Syrian immigrants living in the city of Brasília translate the concept of city from their own urban experiences. The city, or better, the cities (plural, as argued in this paper) have multiple interpretations and meanings. This dynamic of meanings has been a fundamental factor for the production of knowledge in the field of urban studies in the social sciences and humanities. Several theories have sought to provide answers to the challenges that the city object presents. In this line, we propose an analysis based on theoretical debates dear to Urban Sociology, incorporating concepts such as invisible cities and imagined cities, as well as the idea of imaginary itineraries recreated from urban experiences.

Keywords: city. Syrian migration. production of meaning. invisible cities.

Introdução

A cidade e as migrações são fenômenos que ganham notoriedade dentro dos estudos sociais quase que simultaneamente. Explico: o início da cidade como categoria sociológica se deu com base no crescimento acelerado dela, onde uma das causas apontadas por estudiosos seria a recém-chegada de um grande contingente de migrantes. Entender a forma como este imigrante passa a viver neste novo local requer também entender as formas propiciadas pelo espaço para

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília.

² Doutora em Sociologia. Professora Adjunta da UDELAR (Universidad de la República, CENUR L.N., Uruguay). Investigadora Nível I do Sistema Nacional de Investigadores del Uruguay, Agência Nacional de Investigación e Innovación. Pesquisadora Colaboradora Plena Departamento de Estudos Latino-americanos, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Professora Convidada de FLACSO Uruguay.

a produção de interações e sentimentos de pertencimento. Em consonância com Park (1967), para entender a cidade é necessário observá-la para além de uma manifestação dos conhecimentos humanos de engenharia, já que esta é um agente que opera na produção de mecanismos físicos e psíquicos que influenciam diretamente no modo de vida que passa a se conceber.

Agindo na construção de limites físicos e territoriais, a cidade se expande para além de suas fronteiras no momento em que um estilo de vida, que lhe é característico, influi na conformação do caráter da vida social, moldando-o à sua forma específica. Além disso, ao se tornar palco, transforma-se, também, em agente da produção de relações sociais intrínsecas. Com base na perspectiva do imigrante, temos interações sociais que são produzidas por meio *da e na* cidade, onde essas preposições funcionam como espécies de chaves a serem acionadas na medida em que o espaço urbano assume determinado papel. Essas produções de interações e relações sociais, e também de um modo de vida específico, vão se diferenciar de coletivo para coletivo, como também gerar novas significações de cidades para cidades.

Os emaranhados materiais que constituem o caráter físico da cidade e as dinâmicas sociais ali produzidas, resultam na produção de relações complexas que têm chamado a atenção de estudiosos às possibilidades analíticas oferecidas pelo urbano. Por vezes apontada como uma espécie de caleidoscópio, a cidade como objeto de pesquisa, por muitos anos, dificultou o consenso de que haveria um ramo das Ciências Sociais que estivesse intimamente ligado a estas questões. Isto porque, para muitos autores, o urbano assumia um caráter *per se*, atuando com variável independente, enquanto que para outros estudiosos, o olhar encontrava-se alocado nos fenômenos sociais específicos, que teriam o espaço urbano como cenário (VELHO, 1967).

A imigração síria para o Brasil pode ser dividida em dois grandes momentos: histórico e contemporâneo. O primeiro acontece a partir das duas últimas décadas do século XIX, no qual o Brasil passa a receber um novo fluxo migratório composto pelos nacionais da Síria. Isso ocorreu, principalmente, por conta do descontentamento destes com os decretos restritivos relacionados à liberdade dos indivíduos, assim como a imposição do serviço militar, conflitos religiosos, pestes e doenças. Após o arrefecimento desse fluxo, o Brasil volta a ser destino deste coletivo a partir de 2011, logo após a eclosão da guerra civil, iniciada pelas manifestações contra o governo sírio. Esta tem ocupado grande espaço nos veículos midiáticos e perdura até os dias atuais.

A escolha por trabalhar com imigrantes sírios no Brasil decorre, principalmente, pelo caráter notadamente urbano desse fluxo migratório. As cidades fazem parte do processo de integração desses indivíduos tanto no fluxo histórico quanto no fluxo atual.

De acordo com Spink e Gimenes (1994, p.150), “a produção de sentido é um processo de negociação continuada de identidades sociais”. O esforço empreendido na tentativa de dar sentido ao mundo e a suas práticas, implica assumir uma posição dentro das redes de relações e pertencimentos existentes, compondo essas redes a ordem da intersubjetividade. O dado empírico que se extrai da produção de sentido advém das práticas discursivas, que por sua vez são definidas como “as diferentes maneiras em que as pessoas, através dos discursos, ativamente produzem realidades psicológicas e sociais” (SPINK; GIMENES, 1994, p.153).

A memória é o elemento que permite que os seres humanos narrem suas histórias. Partindo do momento que selecionam e reconstróem suas lembranças, o indivíduo pode remover do relato aquilo que lhe foi/é incômodo, assim como pode enfatizar e florear aquilo que em parte é fruto de seus desejos e anseios. O reviver torna-se componente do processo de narrar e reelaborar (SOUSA; CABRAL; 2005).

O presente artigo busca compreender a forma como cinco migrantes sírios, vivendo em Brasília, apreendem o significado de cidade a partir de suas experiências e vivências urbanas. O texto encontra-se dividido em duas partes além da introdução e conclusão. Na primeira parte, procuramos apresentar o caráter plurívoco da cidade e como esse fator corrobora para as várias tentativas de elaborações teóricas e conceituais a respeito da urbes. Uma vez explicado que a cidade produz diversos sentidos e significados, a segunda parte deste texto busca apresentar o significado que os interlocutores da pesquisa atribuem ao termo cidade, explorando os fatores transversais contidos nas falas dos entrevistados que possibilitam tratar não somente de cidade, mas de cidades.

Este trabalho é derivado de minha dissertação de mestrado, defendida no ano de 2020. Abaixo, encontra-se um quadro com algumas informações dos entrevistados desta pesquisa. Salientamos que a origem dos codinomes adotados são nomes de cidades escolhidas por estes imigrantes para representá-los.

Quadro 1: Informações dos Entrevistados

Codínome	Idade	Sexo	Cidade de Origem	Cidade de Destino	Tempo no Brasil
Valência	26	Masculino	Daara/Damasco	Brasília	8 anos
Abu Dhabi	50	Masculino	Damasco	Brasília	7 anos
Helsinque	-	Masculino	Damasco	Brasília	22 anos
São Paulo	46	Masculino	Damasco	Brasília	8 anos
Bergen	65	Feminino	Damasco	Brasília	58 anos

A cidade e seu caráter polissêmico

O ponto de partida deste artigo está centrado na condição plurívoca da cidade, ou seja, a compreensão de que a cidade por si só comporta uma gama de sentidos, significados e interpretações. Segundo Prysthon (2017, p.108), pensar a questão urbana e o seu papel atualmente implica ir além do estudo de suas formas físicas e materiais, buscando-se entender também os modos - que são fluídos - de se representar, negociar e imaginar a cidade.

O caráter polissêmico da cidade resulta diretamente na conformação de diferentes perspectivas que tentam abarcar conceitualmente o que diversas disciplinas e paradigmas entendem por cidade. Os sociólogos Brasilmar Nunes e Leonardo Cavalcanti (2014, p.137), resumizam a definição de cidades (no plural) como "territórios que sintetizam processos sociais amplos resultando em estruturas físicas estáveis, nas quais há diversidade de grupos e atividades". Louis Wirth, sociólogo da denominada Escola de Chicago, buscou apresentar em um de seus textos mais famosos, "O urbanismo como modo de vida", uma definição de cidade com base em uma perspectiva sociológica. Segundo ele, "para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos" (WIRTH, 1967, p.100).

Em conformidade com a definição de Wirth, Nunes e Cavalcanti (2014, p.137) acrescentam que "(as) cidades são aglomerações que, pela sua densidade, definiriam modos de vida peculiares, sendo que esse critério varia conforme as características da sociedade na qual ela se situa". Não obstante, a heterogeneidade, apontada por ambos os autores supracitados, apresenta importância sociológica para a análise dos espaços urbanos, sendo ela um fator condicionante dos padrões culturais, responsáveis pela identificação de determinadas aglomerações em suas particularidades.

[...] a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo (WIRTH, 1967, p.96).

Para Robert E. Park (1967, p.29), na cidade - sendo ela resultado da natureza humana - é onde se encontram envolvidos os processos vitais de seus habitantes. Segundo o autor, ao olhar para a cidade, o pesquisador deve vê-la para além de um agrupamento de indivíduos e organizações sociais, assim como não se deve reduzi-la a um espaço de mecanismos físicos e construções artificiais. Desse modo, além de ser uma expressão coletiva, a cidade é o local onde os interesses particulares e políticos encontrariam uma expressão incorporada, portanto, pode-se pensá-la também como uma espécie de mecanismo psicofísico. Na visão de Park, a cidade é resultado de um processo que integraria elementos físicos e manifestações espirituais que se associam por meio da interação de seus elementos:

[...]a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e os sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. [...] (a cidade) Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (PARK, 1967, p.14)

Ainda nas formulações feitas pelos pensadores da denominada Escola de Chicago, Burgess (2017, p.67) afirma que a forma de uma cidade decorre da diferenciação entre agrupamentos econômicos e culturais. De acordo com o autor, a segregação concede aos componentes de um grupo “um lugar e um papel na organização total da vida da cidade”. A divisão do trabalho, por sua vez, seria a ilustração máxima dos constantes processos de desorganização, reorganização e, principalmente, de diferenciação sofridos pela malha urbana.

Em consonância com as elaborações dos teóricos de Chicago, Nunes e Cavalcanti (2014, p.141) dizem que, devido à conformação de aglomerações, os indivíduos e os grupos dão origem a formas de interações que são particulares a essa condição de proximidade. Por consequência, estruturas físicas que, concomitantemente, tornam-se suporte para estas interações e influenciam nas dinâmicas delas. Segundo os autores, as cidades são produtos e, ao mesmo tempo, produzem a sociedade. Para eles, a produção do território urbano é composta por inúmeras esferas do mundo social que, com suas especificidades próprias, atuam na conformação de um ambiente único e ao mesmo tempo plural e heterogêneo. Sendo assim, as diferentes formas de racionalizar a cidade resultam na estrutura física urbana, que nada mais é do que a materialização de espaços físicos e sociais diversos, frutos de experiências distintas.

Na contramão das formulações naturalistas dos sociólogos da Universidade de Chicago, o espanhol Manuel Castells (1972) frisa que a origem dos fenômenos urbanos não pode ser estudada a partir da materialização espacial da cidade, mas, sim, como fruto das relações sociais da sociedade capitalista. Portanto, tanto a cidade quanto seus habitantes carregam as marcas das contradições de classe. Não há espaços, agentes ou organizações isentas de disputas ideológicas, políticas ou econômicas das lutas de classe, ou seja, entender a cidade é compreender que ela é indissociável da estrutura do capital.

Segundo Henri Lefebvre (2001), um dos principais expoentes de uma nova sociologia urbana, a cidade funciona como base e paisagem para os desdobramentos da reprodução do capital. Para o autor, os processos de urbanização e industrialização assumiram forma dialética, porque ambos são resultantes da passagem temporal da Idade Média para o período moderno. Logo, a cidade, em síntese, é um produto das representações materiais históricas. Os habitantes da cidade interagem e, a partir destas interações, os espaços urbanos passam por constantes transformações. De acordo com Lefebvre (2001), viver e conviver nessas áreas urbanas transformadas deve ser um direito de todos e todas, sendo este o argumento central das formulações do autor sobre o direito à cidade.

Para continuarmos com os próximos parágrafos, torna-se necessário retomar o caráter polissêmico da cidade que já foi citado neste tópico. A cidade traz consigo uma gama de significados ao produzir imagens e discursos constantes. Muito além das construções físicas que a englobam, ou seja, para além do tangível, a cidade é também um mundo imaginável e abstrato, consequência direta das passagens, vivências e experiências de seus habitantes. Tais mundos só podem ser acessados por meio dos sentidos. De acordo com Pesavento (2007), o estudo sobre a cidade pode perpassar a perspectiva da materialidade, da sociabilidade e da sensibilidade. O viés da sensibilidade, que nos interessa, traduz-se na cidade resultante das experiências, ou seja, da cidade que é moldada e re-moldada pelas formas de identificação, percepção e atribuição de significados ao mundo.

É, sobretudo, essa dimensão da sensibilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais 'reais' à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (PESAVENTO, 2007, p.14)

Ítalo Calvino e seu clássico da literatura e do realismo fantástico, "As cidades invisíveis", certamente tem pautado o diálogo sobre as questões urbanas, não somente dentro do universo

literário, mas também no âmbito das pesquisas sobre a cidade. Segundo Monteiro (2009), mais do que uma base para reflexões a respeito do urbano, a obra de Calvino suscita o debate sobre as formas de observar e examinar a cidade.

Para Calvino (2003), os aspectos que envolvem a harmonia e a beleza da cidade não são resultantes de desenhos bem delimitados e cálculos exatos, mas sim da visibilidade oriunda das vivências e experiências individuais. O processo de narrar uma cidade é também um processo de construção e reconstrução dela, sendo este ligado aos últimos acontecimentos vivenciados pelo narrador. Nessa perspectiva, as cidades apresentam simulacros com representações infinitas.

Segundo Costa e Peluso (2016), o imaginário urbano suscita concepções relacionadas à identidade e repulsa vivenciada pelo narrador quanto ao território. Para os autores, isto é a constituição do espaço vivido e o espaço percebido pelos cidadãos, espaços esses que dialogam diretamente com as formas, fronteiras e expectativas da cidade em produção.

A representação imaginativa que os sujeitos fazem de sua cidade corresponde à experiência vivida e percebida nesta mesma cidade, somada a gama de outras experiências e interpretações agregadas das relações emotivas e materiais com o mundo (COSTA; PELUSO, 2016, p.6).

Discorrer sobre cidade - ou sobre alguma cidade - é entrelaçar o espaço real ao espaço utópico dentro da narrativa. As representações que surgem com base nas narrativas sobre a cidade se relacionam às imagens formadas com base na imaginação, acrescido dos afetos preservados pela memória. Segundo Castro (2014), isto ocorre porque, ao percorrermos uma cidade, retemos não só o local em si, mas também o que ele denomina como *espaços-sensações-flutuantes*, que serão relidos e recontados têm matriz. A partir das elaborações de Calvino (2003), entende-se que todos possuem uma matriz espacial, ou seja, um modelo-protótipo pelo qual todos os outros espaços serão ressignificados.

As descrições das cidades [...] tinham esse dom: era possível percorrê-las com o pensamento, era possível se perder, parar para tomar ar fresco ou ir embora rapidamente. (CALVINO, 2003, p.43)

Conforme destaca Nogueira (1998, p.3), "cada um constrói, então, sua cidade imaginada, sua cidade ideal, e dentro dela as relações dão conta de todos os desejos". Acionar o que se denomina como cidade imaginada (ou invisível) significa trabalhar dentro de um campo subjetivo, afinal, este é um local de espaços flutuantes e metamórficos, cuja materialização só

é possível a partir da mobilização da sensibilidade e do afeto por parte da memória (CASTRO, 2014).

Sendo assim, as narrativas sobre a cidade abarcam os acontecimentos, as ações e as relações apreendidas pelo narrador em suas observações, engendrando incontáveis discursos que objetivam abranger a cidade em sua totalidade. Pela sua complexidade e grandiosidade, a cidade, enquanto agente, permite que essas reconstruções transitem entre o verossímil e o inverossímil.

A cidade, na concepção de Pesavento (2007), é, em sua essência, unidade de tempo e de espaço. Estudar cidades imaginadas é buscar compreender o fenômeno urbano com base no discurso da memória. Segundo Nogueira (2014), o ato de visitar a cidade por meio da memória ocorre no espaço-temporal denominado como *instante-já*.

Durante os discursos sobre a cidade, o passado, presente e futuro acontecem simultaneamente, criando uma reconfiguração temporal singular. Este espaço urbano em construção é constituído pelo *espaço vivido* e o *espaço percebido* pelo cidadão, dialogando ambos continuamente com as formas, fronteiras e expectativas que envolvem tais localidades.

Ao inventar o passado, contando a história de suas origens e de seu percurso no tempo para explicar seu presente, a cidade constrói seu futuro, através de projetos e visões de mundo que apontam para um *depois*, seja como ficção científica, seja como planejamento urbano. [...] Assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado sempre a partir das questões do seu presente. (PESAVENTO, 2007, p.17)

Para Alves (2014), toda vez que o narrador é invocado a relatar determinada localidade, ele percorre um traslado imaginário, uma visita àquele local invisível. São essas narrativas a respeito da cidade imaginada que dão origem ao conceito de translação imaginativa. Segundo o autor, “o ato de narrar, com pitadas de descrição, é o ato de acontecer social, sendo fundamentalmente um ato de conhecer” (ALVES, 2014, p.335).

Com base nas formulações da historiadora Pesavento (2004), entende-se que, ao longo dos relatos presentes neste artigo, surgem duas dimensões de espaço e de tempo: a da arquitetura e a da narratividade. Segundo a autora, “o espaço se dá a ler, o tempo se dá a ver, com o que retomamos a ideia do cronotopo e uma postura hermenêutica que se dispõe a decifrar sentidos, sobretudo aqueles que nos chegam do passado”. Trata-se de buscar uma abordagem da cidade onde as formas e sentidos do espaço contemplem e sediém a temporalidade.

Para Paul Ricoeur (2007), tanto a espacialidade quanto a temporalidade fluem, de alguma forma, do ato de narrar, sendo o destino do espaço ligado ao tempo. Silva (2018) aponta que, concomitante ao ato de narrar, sucede-se uma alteração entre espaço e tempo, onde os narradores utilizam múltiplas variações destes.

Sendo assim, após esta breve retomada de perspectivas de definição e compreensão da cidade, encaminhamos para a parte seguinte do texto, onde migrantes sírios na cidade de Brasília refazem seus traslados imaginários na busca pela delimitação do sentido que atribuem à cidade.

A cidade por meio da experiência de imigrantes sírios

A cidade, na verdade, são cidades. Esta frase não é uma hipótese, pois, com as devidas ponderações, trata-se de uma afirmação necessária para prosseguir com este artigo. Uma das muitas facetas por detrás do processo de conceituação acadêmica da cidade nos aponta justamente para o caráter heterogêneo dela. A cidade é plural, variada e diversificada. Robert E. Park, no início da década de 1920, já definia a cidade como um mosaico composto por pequenos mundos. Sendo assim, utilizar do singular para tratar algo que na sua essência é plural pode implicar generalizações indevidas dos fenômenos que ocorrem nos núcleos urbanos. Ainda, os itinerários individuais de cada cidadão geram um simulacro diferente da cidade. Portanto, entendê-la com base em um único referencial de observação incorreria em possibilidades rasas e limitantes de representação da urbe.

Com base em Calvino (2003), entende-se que os narradores das cidades, por vezes, têm um olhar mais distante no primeiro momento. À medida que o seu interesse assume as rédeas da observação, o relato torna-se mais pessoal. Distintamente, as cidades encorajam os desejos e resgatam os sonhos de seus narradores, acobertando determinados pontos e sobressaltando aqueles que vão de encontro aos anseios de quem as narra. Ainda em consonância com Calvino (2003), depreende-se que o desejo dos indivíduos é fruto justamente daquilo que não podem ter ou daquilo que gostariam de ter. Há, portanto, uma relação de interdependência entre a cidade imaginada, a cidade desejada e a cidade materializada, ou seja, a inexistência de uma implica o fracasso das outras.

Ao questionar o que define uma cidade para os interlocutores da pesquisa, torna-se necessário ponderar que as respostas, por vezes, resgatam desejos e sonhos, refletindo diretamente nas escolhas de palavras e sentidos que são aplicadas nas construções dos relatos. Ou seja, as

características ocultadas ou os pontos enfatizados resultam dos anseios de quem narra pelo protótipo-matriz ideal de urbe. Para Calvino (2003), toda cidade teria seu deserto e este seria formado justamente pelas insatisfações decorrentes da não materialização das expectativas.

Para avançar neste artigo é necessário entender que, assim como na física, tudo depende do ponto referencial. Todos olham de cima, porém, enxergam somente o que desejam ver. O conceito de cidade narrado pelos interlocutores é resultado direto do desejo e do sonho daquilo que gostariam de vivenciar.

As ideias aqui apresentadas foram estruturadas em dois momentos das entrevistas, que são resultados dos questionamentos: "O que é cidade?" e "Você consegue identificar elementos transversais no significado de cidades? ".

Definindo o que é cidade

"A cidade é". Este início de oração é a marca das falas a seguir, isso porque, no intuito de procurar uma definição, nossos interlocutores optam pela caracterização de um modelo que pode ser interpretado como o significado de cidade. Assim, as definições de cidade a seguir estão pautadas por critérios de funcionalidade e utilitarismo que se espera daquele local. A respeito desta definição utilitarista da cidade, encontramos melhor expressão na fala de São Paulo:

Simple. Cidade é quando você acha, mais ou menos, 80% para a sua vida. Por example, se eu quero leite, eu acho leite. Se eu precisar achar outra coisa, eu achar essa outra coisa. Você quer sair a noite, tem lugar pra você sentar. Você vai trabalhar no comércio, tem que ter segurança, precisa polícia. Quando tem problema na, example, aqui no Brasil com os papel, tem que ter o lugar. A vida normal. Escola, bombeiro, essas coisas necessárias para a vida! (São Paulo).

Ainda neste sentido, recuperamos a fala inicial de Bergen, que aponta para a necessidade de compreender a cidade como o local onde indivíduos vivem:

Cidade é o local onde se vive e as condições oferecidas para isso! (Bergen)

Entendo a cidade como um núcleo relativamente grande e denso, tal qual Wirth (1967) conceitua. Helsinque traz uma clara definição a respeito do que a cidade é para ele, destacando, em contraponto, aquilo que ela não é:

Cidade é o lugar que junta mais pessoas do ser humano. A cidade é um lugar cheio, sempre. Não dorme. É o lugar que tudo que o cidadão procura, a cidade

atende. Cidade é um lugar muito grande, não é aldeia. Eu ouço cidade e na minha cabeça eu vejo barulho, movimento. (Helsinki)

Trazendo uma perspectiva mais ampla, Bergen destaca justamente o caráter plural e dicotômico da cidade, para em seguida dar uma definição:

A cidade é grande ou a cidade é pequena. Cidades nova, cidades velhas. Quando se fala em cidade estamos falando do lugar de se morar, de se habitar, onde terá outras pessoas, outros seres-vivos. (Bergen)

De acordo com Park (1967), cada cidade tem um planejamento que estabelece limites, determinando localizações e formas de construções que são características a determinado tipo de cidade, resultando numa *arrumação ordenada* do ambiente urbano e da vida cidadina. Para Eufrásio (1999), diversos fatores vão atuar diretamente na estruturação do planejamento urbano. Segundo as falas de nossos interlocutores, a cidade é resultado de uma ordem, uma divisão bem definida de atribuições, um trânsito bem planejado e/ou uma distribuição de funções.

A cidade é organização, estrutura. Ter organização é ter estradas boas, limpeza, tudo isso chama atenção para ver se a cidade é cuidada ou não. A estrutura, pra mim, é ter o centro, praças, prefeituras. Isso é cidade! (Valência)

Para a nossa interlocutora, Bergen, nem tudo é objetivo ou material em sua definição de cidade. Para ela, o primeiro fundamento seria de ordem moral, expressado na materialidade subsequente da cidade. Park (1967) ainda afirma que a organização da cidade é dividida em duas perspectivas: a física e a moral. Estas fazem parte de um ciclo, caracterizado pelo constante moldar e ser moldada uma pela outra, acontecendo a ação de ambas concomitantemente.

Atualmente, o que precisa para uma cidade fluir bem não se pode tocar, mas sim ensinar, que é o respeito ao próximo. Ter um programa onde as pessoas sejam obrigadas a obedecer a normas de respeito entre si, porque onde não tem respeito é impossível de se viver! Partindo do respeito todo o resto se constrói. (Bergen)

Sendo a cidade a expressão da natureza humana, não se pode ignorar o caráter vivo que ela assume. De forma mais ampla, Park (1967) destaca a “geografia física, as vantagens e desvantagens naturais, e meios de transporte” (1967, p. 33). Durante o processo de expansão, a sua distribuição tende a ser controlada pelas influências de simpatia, rivalidade e necessidade econômica. A partir disso, temos a transformação de um aglomerado de pessoas em vizinhanças, isto é, locais com tradições, histórias próprias e sentimentos. Dentro destes agregados menores, a vida de cada um é conduzida em ritmo próprio, obtendo relativa

independência em relação ao círculo maior de interesses que os circundam. Para Helsinque, o fato de a cidade abrigar vidas imputa vivacidade à sua forma:

A cidade para mim é um lugar vivo! Lugar com vida. É isso a melhor definição do que é cidade. Pessoas, vizinhos, comunidade. (Helsinque)

"A cidade são os prédios, as construções, é o que a gente vê. Não seria cidade se não existissem as construções". Essa frase foi dita por Valência, contudo, o seu sentido aparece em outras narrativas, nas quais o espaço urbano é enxergado e definido a partir de suas construções físicas e dos equipamentos que atendem às necessidades de seus habitantes. Para Helsinque, são justamente os elementos tangíveis e visíveis da cidade que criam um sentido universal para esse conceito. Entretanto, ele aponta para a necessidade de organização do meio urbano, visando facilitar a apropriação das diferenças por parte dos novos visitantes.

Pensar em cidade é pensar em avenidas muito grandes e pavimentadas. Trânsito bem-organizado. Semáforos. Estacionamento certo. Aeroportos. Hospitais. Serviços. Meios de comunicação e telecomunicação. É tudo isso, organizado e estruturado. (Helsinque)

Em diversos momentos a questão do trabalho aparece como essencial na conceituação do que é cidade. Abu Dhabi, em sua definição, considera de caráter primordial que a cidade forneça empregos, viabilizando o acesso dos cidadãos às demais funcionalidades inerentes à urbe, como, por exemplo, o lazer e a mobilidade.

Penso em cidade, penso em trabalho. Luxo. A cidade é dinheiro, tem que ter empresas. Todo mundo tem que ter um emprego para viver na cidade, passear, comprar, comer. A cidade sem emprego e dinheiro não existe. (Abu Dhabi)

Segundo Januzzi (2016, p.184), "os espaços urbanos estariam condenados a servir à lógica do capital [...]. Sua organização sendo uma expressão de anseios produtivos e de consumo, não haveria espaço para o lazer, para o desfrute e para a convivência pública". Helsinque também destaca o papel central exercido pelo aspecto financeiro:

A cidade é onde você pode ganhar dinheiro, porque ela tem que oferecer muito trabalho. (Helsinque)

A cidade surge como o espaço para que o dinheiro circule e, para que isso ocorra, deve haver oportunidades de emprego para todos. O espaço urbano é o local de troca do monetário por produtos e serviços. É o berço e a materialização do sistema capitalista. Para Simmel (1967), as inúmeras trocas realizadas na cidade indica segundo ele, não somente o centro da economia monetária mas também o local propício para circulação de mercadores e o intercâmbio de dinheiro, resultaria no aparecimento de cidadãos utilitaristas e individuais.

Cidades e seus componentes transversais

É certo que a vida em sociedade produz muitas vezes sentimentos de partilha ou, numa perspectiva durkheimiana, de solidariedade entre diferentes indivíduos. É dessas necessidades compartilhadas que surgem elementos transversais na definição e construção dos conceitos de cidade por parte dos interlocutores. Não ignorando as perspectivas singulares que constituem cada definição, destacamos a seguir elementos que, segundo os relatos dos imigrantes entrevistados, são intrínsecos das cidades, não importando a qual eles estão se referindo.

Inevitavelmente, ao buscar compreender os fatores concomitantes que permeiam o significado de cidade, emergiram as primeiras exemplificações e as primeiras comparações. As visitas a diferentes cidades geram experiências e itinerários que serão registrados na memória dos indivíduos, sendo as vivências positivas acionadas sempre que forem convidados a caracterizarem o objeto de análise. De acordo com Conceição (2010): “

os problemas urbanos, mesmo com semelhança em suas variáveis, são únicos. [...] É preciso deixar que as cidades nos mostrem suas relações, nos façam atentar para a sua complexidade e refletir sobre os conceitos pré-concebidos. (CONCEIÇÃO, 2005, P.307).

O elemento histórico da cidade aparece como um ponto interseccional entre as definições. Para Valência, esta seria uma característica fundamental que implicaria diretamente a organização da cidade:

Na Europa tem muito o histórico/antigo. E nas cidades que não tem muito isto, o povo transformou a cidade no paraíso de estátua e arrumação, criando praças bonitas, casas bem pintadas, limpeza. (Valência)

São Paulo, por sua vez, acredita que todas as cidades necessitam de um ponto que as torna únicas e diferentes, acrescentando que a sua história poderia ser este fator:

Uma cidade precisa ter algo especial. Pode ser o seu antigo, sua história, porque isso é algo que vai torná-la diferente mesmo que toda cidade tenha história. (São Paulo)

Para os entrevistados, a imagem de cidade é formada principalmente pelas suas construções físicas, sendo esta uma característica onipresente e diferenciadora. "Todas as cidades que eu vi tinham prédios e ruas", inicia Abu Dhabi. Em consonância ao relato, Helsinque acrescenta:

Todas as cidades têm prédios. Algumas têm prédios altos, como Budapeste, outras os prédios são baixos, como Brasília. Em Brasília os maiores prédios

são os comerciais, enquanto em Budapeste são os residenciais. As cidades possuem ruas, algumas são largas e outras são apertadas. Tem coisas que todas tem, mas são diferentes. (Helsinque)

Ainda pensando na estrutura física das cidades, Bergen diz:

Todas têm sinalização e trânsito. Mas o que é igual mesmo é a iluminação, mesmo que de maneira diferente entre elas. Tem o asfalto. Ah, e claro, tem o comércio também, porque tem que ter comércio. Se não tem comércio, não é cidade, né? (Bergen)

A importância do comércio no estabelecimento do que se entende por cidade também aparece na fala de São Paulo, que em seguida vai ponderar que apesar de ser um ponto em comum também sofre alteração de cidade para cidade:

Olha, o comércio é superimportante todas as cidades ter. Mas nem todas as cidades têm comércio de qualidade, entende? Alguns são melhores, encontram tudo. E isso deixa a cidade ainda melhor, né? (São Paulo)

Ao retomarmos a visão defendida pela denominada Escola de Chicago, na qual a cidade pode ser entendida como um caleidoscópio ou um mosaico formado por pequenos mundos, compreendemos a necessidade de expor o elemento apontado unicamente por Abu Dhabi:

A cultura é algo que eu quero falar. Uma cidade tem várias culturas e isso vai criar as diferenças. Estamos falando do que toda cidade tem e toda cidade tem culturas diferentes. (Abu Dhabi)

Por fim, escolhemos a fala de São Paulo para encerrar esta parte. Segundo ele, há um elemento que deve estar presente em todo espaço que deseja ser nomeado como cidade:

Todas as cidades têm o povo delas, que gosta das cidades deles. Não existe cidade sem povo. A cidade é feita pelo povo. (Abu Dhabi)

Considerações Finais

Resultantes da subjetividade do pensamento humano, as definições de cidade apontadas pelos interlocutores desta pesquisa são representações máximas de sua vontade individual, mesmo que incessantemente o discurso seja pautado no coletivo. A seletividade que permeia a memória e os desejos ligados às lembranças produzem signos de cidades, sendo estas representações individuais constantemente forjadas na tentativa de atribuir um caráter universal à sua proposição.

Segundo Rocha & Eckert (2010), a memória de um cidadão é constantemente povoada por imagens das suas vivências urbanas. Nesse sentido, a maneira como nossos interlocutores se conectam com a cidade e passam a experimentá-la configura o seu modo de ser, estar, viver e

contar a urbe. Em conformidade com Calvino (2003), as tentativas de conceber um significado para a cidade por parte de nossos entrevistados surgem de partículas, de experiências pontuais do cotidiano que em determinado momento ganham sentido e clareza.

Temáticas como organização, estrutura, emprego, segurança etc., perpassam as definições e apontamentos de todos os interlocutores de pesquisa deste trabalho. Contudo, para além da tentativa de se descrever um conceito universal, elas realçam as particularidades e o paradoxo que corrobora para a importância deste artigo, já que as características e os conceitos presentes na maioria das falas são oriundas de situações específicas e resultaram em encaminhamentos que também são específicos.

Logo, à guisa da conclusão deste trabalho, é necessário pontuar que o conceito de cidade, assim como a sua expressão e forma, é contínuo e inacabado em suas potencialidades narrativas, como denotam as entrevistas. Partir de bases semelhantes na concepção do que é o espaço urbano produz significados completamente distintos. Ou seja, a busca por uma definição de cidade que parte de características estabelecidas como gerais, em muitos momentos, encontra bifurcações que comprovam que as cidades são subjetivas. Estas são, portanto, expressões de vivências urbanas passadas e atuais, bem como do modo como se passa por elas, da forma que por elas se é modificado e a elas se modifica.

Referências bibliográficas

ALVES, L. R.. A cidade invisível, de Calvino: os modos de organizar e visibilizar o vivível. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 29, p. 327-340, 2015.

BURGESS, Ernest W. O crescimento da cidade: Uma introdução a um projeto de pesquisa. Tradução de Raoni Borges Barbosa. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n.2, p. 61 - 70, julho de 2017. ISSN 2526-4702

CASTELLS, M. (1972). A questão urbana. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, G. de. Espaços e Afetos Intermitentes do Imaginário - As Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino. Esferas, V.3, N. 4, p. 157-166, 2014.

CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

COSTA, E. B.; PELUSO, M. L. . Imaginário urbano e 'situação territorial vulnerável' na Capital do Brasil. Biblio 3w (Barcelona), v. XXI, p. 1-36, 2016.

COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papyrus, 1995

DUTRA, Delia. Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013, 352 p.

EUFRASIO, M. A. . Estrutura Urbana e Ecologia Humana: A Escola Sociológica de Chicago (1915-1940). 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 1. 304p.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, 2001. 144 p.

JANUZZI, V. P.. O céu e a terra: o Setor Noroeste e seus primeiros moradores. 2016. 190 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MONTEIRO, E. Z.. Cidades Invisíveis Visitadas: Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. Vitruvius, v. ano 08, p. 085.02, 2009.

NUNES, B. F.; CAVALCANTI, L.. O imigrante e o direito à indiferença: algumas questões teóricas. In: Santin, Terezinha; Botega, Tuíla. (Org.). Vidas em trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana. 1ed.Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014, v. 1, p. 135-159.

NUNES, B. F. . As Ciências Sociais e a Cidade. Sociedade e Cultura (Online), v. 15, p. 443-447, 2012.

PARK, Robert Ezra ,1967. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano. RJ, Zahar, 1967.

PESAVENTO, S. J.. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 7-23, 2007.

PESAVENTO, S. J. . Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano.. Fragmentos de Cultura (Goiânia), v. 14, n.9, p. 1595-1604, 2004.

PIERSON, Donald (org.) Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia Antropologia Social. 2da. edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editóra, 1948.

PRYSTHON, A.. Cidade. In: Cavalcanti, L; Botega, T; Tonhati, T; Araújo, D.. (Orgs.). Dicionário crítico de migrações internacionais. 1ed.Brasília: Editora da UnB, 2017, v. 1, p. 398-402.

RICOEUR, P.. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ROCHA, A. L. C. da, & ECKERT, C. (2010). Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. RUA, 16(1), 121-145.

SILVA, N.G. AS CIDADES INVISÍVEIS E A MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE ESPAÇO, TEMPO E IMAGINAÇÃO NA NARRATIVA DE ÍTALO CALVINO. Orientador: Fabricia Wallace Rodrigues. 2018. 115 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLit), Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). 1983. Simmel – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34. p.182- 188.

SOUSA, M. G. S. ; CABRAL, C. L. O.. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores - ISSN: 2317-109X (Online) - ISSN: 0103-7706 (Impressa)- ISSN. Revista Horizontes, v. 33, p. 149-158, 2015.

SPINK, M. J. P.; GIMENES, M. G.. Práticas Discursivas e Produção de Sentido: Apontamentos Metodológicos Para a Análise de Discursos Sobre Saúde e Doença. Saúde e Sociedade (USP. Impresso), SÃO PAULO, v. 3, n.2, p. 149-171, 1996.

VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano. RJ, Zahar, 1967.

WIRTH, Louis. 1967. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano. RJ, Zahar, 1967.